

Cenário atual do setor elétrico pode acelerar avanços no Mercado Livre de Energia (1)

Márcio Sant'Anna (2)

Recheado de assuntos quentes, o cenário pode criar um ambiente de ameaças à primeira vista, porém não há dúvida de que o nosso olhar segue na direção das tendências e oportunidades, principalmente para o mercado livre de energia no médio e longo prazos

Apesar de desafiador, o cenário do setor de energia caminha a passos largos em direção a uma série de avanços, especialmente forçando grandes mudanças nas comercializadoras que agora seguem o conceito 4.0. Pautas importantes têm aquecido o setor, como a crise hídrica e a alta das tarifas, mas há outras que revelam um horizonte promissor para a energia elétrica no Brasil.

Diante da grave crise de escassez de água nos reservatórios hidrelétricos, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) lançou recentemente novo alerta sobre os desafios do setor elétrico brasileiro neste ano, indicando que a capacidade de geração de energia do país pode chegar ao limite em novembro.

Em paralelo, esse panorama puxa a alta das tarifas de energia elétrica, agora com novo ajuste de Bandeira Tarifária Vermelha para o patamar 2, com custo extra de R\$ 6,24 para R\$ 9,492 por cada 100kWh (quilowatt-hora) consumidos entre julho e dezembro deste ano — um reajuste de 52%. Nesse caso, em especial, vale ressaltar que os consumidores que estão no mercado livre; e que já tinham energia contratada, fogem desse custo adicional — já os consumidores no mercado cativo não têm essa liberdade de negociação prévia de contratos.

Além disso, a pandemia no Brasil continua provocando impactos socioeconômicos importantes. O ritmo de vacinação em massa, apesar de um pouco mais acelerado nos estados, ainda não alcançou a metade de toda a população — quando falamos dos totalmente imunizados. Com isso, a melhora da atividade econômica e o crescimento da população ocupada que despontam, também não foram suficientes para amenizar o choque causado pela Covid-19.

Mesmo com toda essa movimentação, tivemos aumento do consumo de energia elétrica no país. Em maio, o acréscimo foi de 12,4% em relação ao mesmo período do ano passado. Isso representa um volume consumido de 62.1 gigawatts médios. A alta foi puxada pelo mercado livre de energia, com crescimento de 26,2%. Já o mercado regulado, que tem o preço definido pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), cresceu 6,2%, de acordo com a CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica). Há também a excelente possibilidade de abertura integral do mercado livre de energia para consumidores, incluindo residenciais, a partir de 2024.

Recheado de assuntos quentes, o cenário pode criar um ambiente de ameaças à primeira vista, porém não há dúvida de que o nosso olhar segue na direção das tendências e oportunidades, principalmente para o mercado livre de energia no médio e longo prazos. Dessa forma, os desafios bastante conhecidos do setor ganham uma nova e positiva dimensão.

Modernização do setor e transição energética estão entre os avanços mais aguardados pelo mercado de energia

Tendências setoriais, tecnológicas e de mercado devem criar novos espaços de atuação e incrementar complexidades a serem exploradas pelas comercializadoras de energia. Nesse sentido vimos, somente neste ano, a chegada do PLD Horário e a plataforma de derivativos de energia se tornar realidade. Isso sem mencionar o novo mercado de gás, prestes a despontar no Brasil, o crescimento do uso das fontes renováveis de energia e da negociação de I-RECs.

Entre as tendências para o setor energético no pós-Covid, apontadas pelo mais recente estudo da KPMG, somam-se o avanço regulatório em prol da transição energética e a modernização do setor; aceleração da implantação de empreendimentos renováveis; definições regulatórias e impacto cambial como drivers da expansão da Geração Distribuída; avanço no processo de privatização; práticas ESG e certificados de origem impulsionando ainda mais as energias renováveis; segurança cibernética como pauta prioritária; sofisticação da gestão dos processos de comercialização e amadurecimento gradual do mercado de derivativos; maior atenção aos ativos de transmissão e ao impacto de mudança do regime de chuvas sobre a produção de energia hidrelétrica.

Com isso, vemos um claro amadurecimento do setor de energia, em especial do mercado livre, onde as comercializadoras deixam de ser vistas como compradoras e vendedoras de energia e passam a ser fornecedoras de soluções. Em face de tantas expectativas, as empresas do segmento seguem com novas estratégias para oferecer serviços ainda mais completos.

Tal sofisticação e complexidade demandada pela evolução do mercado de energia, na verdade, têm facilitado a criação de novos produtos pelas comercializadoras que, por consequência, direcionam um leque ainda mais interessante de opções para os consumidores. Em outras palavras, o gerenciamento aliado a uma inteligência de mercado avançada e madura se tornará cada vez mais importante na relação entre comercializadoras e compradores de energia, criando oportunidades para ambas as partes.

Amadurecimento do mercado livre de energia exige uma gestão mais eficiente

O mercado está mudando e não há dúvidas de que os avanços serão ainda maiores. Por exemplo, o PLD Horário criou a necessidade de uma gestão mais complexa e impôs um novo controle de risco para as empresas compradoras e vendedoras de energia.

Da mesma forma os traders, que olham a necessidade de adequação ao risco, têm aprendido novas formas de como administrá-lo e já entendem que uma gestão financeira mais eficiente é mandatória. Essa situação vai exigir parcerias cada vez mais próximas entre clientes e comercializadoras, o que pode ser feito internamente ou por meio do suporte de novas tecnologias.

De forma geral, aumentar o percentual de redução com os custos de energia será uma corrida mais do que necessária. Nesse contexto, com geração distribuída solar, autoprodução, PLD, automação, deslocamento da demanda, armazenamento, baterias; aumentando a exigência do mercado como um todo.

Já os derivativos abrem contratos financeiros, que poderão criar benefícios tributários. Um produto muito bem-vindo para baixar o custo alto da energia, o qual demandará de um relacionamento mais estreito entre quem vende e quem compra.

Por fim, a eficiência operacional e a gestão de recursos continuam sendo os maiores desafios para as empresas. Entre eles, a energia elétrica continuará entre os seus três maiores custos na operação, uma fatia estratégica relevante onde os centavos podem fazer a diferença. É nesse momento que as comercializadoras devem mostrar que a migração, que hoje oferece possibilidades de redução do custo com energia até 30%, pode muito mais; inclusive com adesão à autoprodução de energia.

Em resumo, a inteligência dessa gestão será o passo mais marcante das comercializadoras 4.0, e não há limite para os avanços desse mix que reúne tecnologia e digitalização do setor, mão de obra cada vez mais especializada, inteligência de mercado de alto nível e uma forte parceria

estratégica, muito mais próxima ao cliente.

- (1) Entrevista publicada na Agência Canal Energia. Disponível em:
<https://www.canalenergia.com.br/artigos/53182613/comercializadoras-4-0-cenario-atual-do-setor-eletrico-pode-acelerar-avancos-no-mercado-livre-de-energia> Acesso em 10 de agosto de 2021.
- (2) *Márcio Sant'Anna é sócio-diretor da Ecom Energia*